



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Angela Grando
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Waldir Barreto
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Persistência do passado na arte presente de Bill Viola

O ano de residência investigativa no Getty Research Institute de Los Angeles em 1998 promoveu uma virada definitiva na produção artística de Bill Viola. Marcou o seu afastamento dos ideais dos anos 1960 e 70, de cunho social e político, rumo a uma abordagem muito pessoal, subjetiva e privada da percepção, da memória e do autoconhecimento, que, logo, alçaria a uma estatura artístico-filosófica de investigação sobre as emoções humanas como índices da forma de estar no mundo.

Até gerar uma exposição em 2003, o primeiro projeto desta nova fase produziu um conjunto de 20 vídeos, iniciados em 2000, que formam a série *The Passions*, todavia em curso. Pensando seu conceito, *The Passions* baseia-se numa rigorosa pesquisa sobre a iconografia devota medieval, especialmente da tradição flamenga, e a renascentista. O eixo metodológico é a busca de uma natureza passional e uma qualidade expressiva historicamente válidas naquelas imagens, cujo valor antropológico seja capaz de revelar-se reconhecível a qualquer afecção, antiga ou contemporânea. Esta “forma histórica de energia” contida na imagem, perpetuada numa memória cultural, possui o seu equivalente epistemológico no princípio de sobrevivência do passado proposto por Aby Warburg. A imagem, como postulado central do pensamento warburgiano, constitui um “fenômeno antropológico total”, fluído pela memória coletiva como uma consciência perene do tempo simultânea à sua forma possível. No seu vocabulário: como *Nachleben* (“sobrevivência”) visível como *Pathosformel* (“fórmula da paixão”).

Nesta perspectiva, o propósito desta comunicação é discutir como a estratégia de interpretação do passado, no trabalho de Bill Viola, se serve à maneira warburgiana da potência significativa da imagem da arte para evocar no espectador a carga espiritual de outras imagens (tanto psíquicas, da sua memória pessoal, consciente ou não: episódios e sensações; como culturais, da memória coletiva, formulada ou não: arte e sentimentos). Em sua poética construída, quais vínculos remetem a algo recalcado e ausente e ao mesmo tempo o metamorfoseia em pura presença? Propomos uma abordagem introdutória à relação entre a imagem videográfica de Viola, investida de uma espécie de “fragmento de memória existencial”, segundo Hans Belting, e a imagem mnemótica de Warburg, investida de uma temporalidade complexa e estendida de seu pretérito referencial e de seu futuro sintomático.